

Mudanças necessárias na educação, hoje

[José Moran](#)

Texto revisto e ampliado de Ensino e Aprendizagem Inovadores com apoio de tecnologias, in Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica, Campinas: Papirus, 21ª Ed. 2014; p. 21-29.

O desafio fundamental da escola, para acompanhar as mudanças do mundo, é evoluir para ser mais relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais. Os processos de organizar o currículo, as metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos. Isso é complexo, necessário e um pouco assustador, porque não temos modelos prévios bem sucedidos para aprender de forma flexível numa sociedade altamente conectada.

Em educação – em um período de tantas mudanças e incertezas - não devemos ser xiitas e defender um único modelo, proposta, caminho. Trabalhar com modelos flexíveis com desafios, com projetos reais, com jogos e com informação contextualizada, equilibrando colaboração com a personalização é o caminho mais significativo hoje, mas pode ser planejado e desenvolvido de várias formas e em contextos diferentes. Podemos ensinar por problemas e projetos num modelo disciplinar e em modelos sem disciplinas; com modelos mais abertos - de construção mais participativa e processual - e com modelos mais roteirizados, preparados previamente, mas executados com flexibilidade e forte ênfase no acompanhamento do ritmo de cada aluno e do seu envolvimento também em atividades em grupo.

Os avanços tecnológicos trazem para a escola a possibilidade de integrar os valores fundamentais, a visão de cidadão e mundo que queremos construir, as metodologias mais ativas, centradas no aluno com a flexibilidade, mobilidade e ubiquidade do digital. Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber.

As competências digitais são importantes para pesquisar, ensinar, aprender, ser conhecido, realizar atividades de múltiplas formas, compartilhar aspectos significativos da vida. As tecnologias nos libertam das tarefas mais penosas – as repetitivas – e nos permitem concentrar-nos nas atividades mais criativas, produtivas e fascinantes (sem descuidar dos muitos problemas concomitantes).

As tecnologias permitem o registro, a visibilização do processo de aprendizagem de cada um e de todos os envolvidos. Mapeia os progressos, aponta as dificuldades, pode prever alguns caminhos para os que têm dificuldades específicas (plataformas adaptativas). Elas facilitam como nunca antes múltiplas formas de comunicação horizontal, em redes, em grupos,

individualizada. É fácil o compartilhamento, a coautoria, a publicação, produzir e divulgar narrativas diferentes. A combinação dos ambientes mais formais com os informais (redes sociais, wikis, blogs), feita de forma inteligente e integrada, nos permite conciliar a necessária organização dos processos com a flexibilidade de poder adaptá-los à cada aluno e grupo.

Muitas escolas e professores preferem neste momento manter os modelos de aulas prontas, com roteiros definidos previamente. Dependendo da qualidade desses materiais, das atividades de pesquisa e projetos planejados e da forma de implementá-los (adaptando-os à realidade local e com intensa participação dos alunos) podem ser úteis, se não são executados mecanicamente. Um bom professor pode enriquecer materiais prontos com metodologias ativas: pesquisa, aula invertida, integração sala de aula e atividades online, projetos integradores e jogos. De qualquer forma esses modelos precisam também evoluir para incorporar propostas mais centradas no aluno, na colaboração e personalização.

Estamos sendo pressionados para mudar sem muito tempo para testar. Por isso é importante que cada escola defina um plano estratégico de como fará estas mudanças. Pode ser de forma mais pontual inicialmente, apoiando professores, gestores e alunos – alunos também e alguns pais – que estão mais motivados e tem experiências em integrar o presencial e o virtual. Podemos aprender com os que estão mais avançados e compartilhar esses projetos, atividades, soluções. Depois precisamos pensar mais estruturalmente para mudanças no médio prazo. Capacitar coordenadores, professores e alunos para trabalhar mais com metodologias ativas, com currículos mais flexíveis, com inversão de processos (primeiro atividades online e depois, atividades em sala de aula). Podemos realizar mudanças incrementais, aos poucos ou, quando possível, mudanças mais profundas, disruptivas, que quebrem os modelos estabelecidos. Ainda estamos avançando muito pouco em relação ao que precisamos.

Hoje quem quer aprender, tem oportunidades fantásticas de fazê-lo em qualquer área, em qualquer língua, muitas vezes gratuitamente, independentemente de onde more. Só precisa querer, estar conectado (um problema ainda), ter método e perseverar sempre. Aprender tem um componente lúdico, prazeroso, mas também exige esforço, método, continuidade. Muitos desistem de aprender antes de ter a rica experiência de gostar, de encontrar sentido em evoluir e em realizar-se cada vez mais. As condições objetivas de tantos brasileiros também dificultam esse avanço - miséria, desenvolvimento precário das competências básicas cognitivas, sócio-emocionais e digitais - e os marginalizam de tantas possibilidades existentes .

É complexo melhorar a qualidade do sistema escolar, como um todo, num tempo curto. Faltam muitas condições estruturais – carreira, formação, valorização de gestores e professores. Precisamos de políticas consistentes para atrair os melhores professores e gestores; remunerá-los bem e qualificá-los melhor; de políticas inovadoras de gestão na educação, de currículos, metodologias e desenhos de escolas mais inovadores. Precisamos também de investimentos em infraestrutura melhores, espaços confortáveis, banda larga, tecnologias móveis, materiais atraentes e uma política de recursos gratuitos abertos.

Se demormos a fazer essas mudanças estruturais de forma séria, planejada e avaliada, ficaremos para trás no médio prazo e teremos dificuldade em preparar as novas gerações para um mundo muito diferente que já está aí. As escolas que não fizerem mudanças importantes

nos seus currículos, metodologias e tecnologias digitais, também começarão pouco a pouco a perder alunos, a serem vistas como pouco relevantes.

Quanto mais avançadas tecnologias temos, aumenta a importância dos profissionais competentes, confiáveis, humanos e criativos. A educação é um processo de interação humana complexa e profunda, com diferentes formas de integração entre o presencial e o online. Ensinamos e aprendemos mais e melhor – em qualquer modalidade - quando o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, dentro de limites claros e negociados. Para isso precisamos de pessoas curiosas, motivadas, afetivas e éticas, que gostem de aprender e de praticar o que aprendem; suficientemente evoluídas para transmitir confiança, acolhimento e competência com sua presença, falas, gestos e ações no contato presencial e online.